

## **ABSTRATIZAÇÃO METAFÓRICA E EVIDENCIALIDADE NO USO DO PREDICADO VER EM DISCURSOS POLÍTICOS**

Izabel Larissa Lucena\*

### **RESUMO**

O predicado **ver** é considerado uma marca prototípica da evidencialidade direta, pois a informação veiculada pelo enunciador é caracterizada como obtida pela experiência visual. O presente trabalho visa a analisar casos de abstratização metafórica do predicado **ver** em um corpus constituído por 30 discursos políticos proferidos na Assembléia Legislativa do Ceará, durante o período de 2005-2006. Verificamos que o predicado **ver** é frequentemente utilizado, não como indicador de uma experiência visual, mas como predicado encaixador de um conteúdo proposicional asseverado e, ainda, em um estágio mais avançado de abstratização, assume uma função discursiva.

**Palavras-chave:** Predicado **ver**, Gramática funcional, Abstratização metafórica, Amostra sincrônica.

### **ABSTRACT**

The predicate “to see” is considered a mark of direct prototypical evidentiality, because the information provided by the enunciator is characterized as obtained by visual experience. This study aims to examine cases of metaphoric abstraction of the predicate “to see” in 30 political speeches delivered in the State Legislative Chamber of Ceará, from 2005 to 2006. The results reveal that the predicate “to see” is often used, not only as an indicator of a visual experience, but as an embedded predicate of a propositional content. It is also evident that at an advanced stage of abstraction, it performs a discursive function.

**Keywords:** “To see” predicate, Functional grammar, Metaphoric abstraction, Synchronic sample.

\* Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará – PPGL/UFC

## Introdução

O presente trabalho deve sua realização ao fato de termos verificado, ao desenvolvermos a investigação da expressão da categoria evidencialidade em discursos políticos (LUCENA, 2008), usos em que o predicado **ver** encaixa não uma informação atestada por meio da visão, mas um conteúdo proposicional asseverado, podendo, ainda, em um estágio mais avançado de abstratização metafórica, cumprir restrições pragmáticas e interativas. Objetivamos analisar e apresentar uma trajetória hipotética de abstratização metafórica do predicado **ver** a partir de uma amostra sincrônica.

Para alcançarmos tal objetivo, adotamos uma orientação funcionalista nos estudos da linguagem. Embora possamos destacar a existência de diferentes modelos funcionalistas<sup>1</sup>, todos compreendem que o estudo das expressões lingüísticas deve realizar-se dentro de um quadro geral de interação social que prioriza a análise das funções dessas unidades lingüísticas sobre seus aspectos estritamente formais.

### 1. Pressupostos Teóricos Funcionalismo

No modelo teórico funcionalista, o usuário assume papel central, já que o objetivo da investigação lingüística é explicitar como falantes e ouvintes se comunicam entre si, de modo eficiente, por meio da expressão lingüística (DIK, 1989). Para Dik, a descrição funcionalista da linguagem considera que os usuários de uma língua sejam capazes de construir, manter e explorar uma base de conhecimento organizado (capacidade epistêmica); de empregar regras de raciocínio para extrair novos conhecimentos a partir de conhecimentos prévios (capacidade lógica); de perceber o ambiente e dele derivar conhecimento (capacidade perceptual); e de usar a linguagem de acordo com a situação de interação (capacidade social). Essas capacidades não funcionam de modo isolado, mas em conjunto, produzindo, assim, cada uma, um *output* fundamental para a produção e interpretação da linguagem.

Nesta perspectiva funcionalista, a língua é entendida não como um conjunto de expressões lingüísticas arbitrárias que podem ser estudadas fora do contexto de uso, mas como um instrumento de interação social entre os seres humanos, usado com a intenção de estabelecer, primeiramente, interações comunicativas.

O funcionalismo considera, dessa forma, a existência de uma motivação icônica entre forma e função. Em outras palavras, há uma correspondência entre a relação das partes numa estrutura lingüística e a relação das partes na estrutura do que está sendo significado, refletindo, assim, a interdependência entre gramática e cognição. Um exemplo dessa motivação é a relação icônica entre a ordem de orações narrativas e os eventos que elas descrevem (NEVES, 2006).

Outro aspecto importante da orientação funcionalista adotada neste trabalho consiste na proposta de integração dos níveis de análise, ou seja, da existência de uma sistematização entre os

---

1. A pesquisa de orientação funcionalista pode seguir diferentes modelos teóricos. Segundo Nichols (1984), há o funcionalismo *conservador*, que aponta a inadequação da análise formalista, sem, contudo, propor uma análise funcionalista da estrutura lingüística; existe o *moderado*, que indica as inadequações das propostas estritamente formais e propõe uma análise funcionalista; e o chamado funcionalismo *extremado*, que nega a própria estrutura, considerando as regras das línguas naturais como funções decorrentes do uso ou da pressão do discurso.

domínios da sintaxe, da semântica e da pragmática. Segundo Dik (1989, 1997), a pragmática é vista como um quadro abrangente no qual a semântica e a sintaxe devem ser estudadas. A semântica é instrumental em relação à pragmática, e a sintaxe, instrumental em relação à semântica.

Embora seja o padrão de adequação pragmática o que apresenta maior peso na teoria, a adequação psicológica também tem importância dentro da concepção funcionalista de linguagem, uma vez que o funcionalismo procura estabelecer uma relação compatível entre descrição gramatical e hipóteses psicológicas fortemente evidentes a respeito do processamento lingüístico, em termos de princípios e estratégias que determinam a maneira como as expressões lingüísticas são percebidas, interpretadas, processadas, armazenadas, recuperadas e produzidas.

## 2. O Processo de Gramaticalização

O termo gramaticalização reflete a relação entre o sistema lingüístico e o funcionamento do discurso. Esse termo foi usado pela primeira vez na China, no século X, mas foi Meillet ([1912] 1948) que se referiu à gramaticalização como sendo “a passagem de uma palavra autônoma à função de elemento gramatical”. Na década de 1970, Givón (1979) passa a se ocupar desse processo lingüístico, lançando o famoso *slogan* “a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem”, o qual se refere ao fato de que as mudanças lingüísticas se dão do discurso, passando pela sintaxe até chegar à morfologia.

O histórico e as definições mais comuns nos estudos sobre a gramaticalização podem ser, resumidamente, relacionados a três acepções: i) a passagem do léxico para a gramática (definição atribuída a Meillet); a passagem do menos gramatical para o mais gramatical (definição atribuída a Kurilowicz); iii) a passagem de qualquer material lingüístico para o mais gramatical (estudos atuais) (GONÇALVES et al, 2007).

Sendo assim, neste trabalho, assumimos que a gramaticalização consiste em um processo pelo qual um item lexical, ou uma estrutura lexical, passa, em certos contextos, a exercer uma função gramatical ou um item já gramatical passa a exercer uma função ainda mais gramatical (HEINE et al, 1991). Essas mudanças não ocorrem de maneira abrupta, e sim através de uma série de transições graduais, uma espécie de cadeia de gramaticalização na qual as estruturas conceituais e morfológicas envolvidas se sobrepõem no interior do **canal de gramaticalização** (*cline*), que compreende o ciclo que vai do ponto inicial ao ponto final do processo (*idem*).

Quanto às causas da gramaticalização, Givón (1991) aponta algumas explicações que demonstram a relação existente entre gramática e cognição. Para esse autor, a gramaticalização pode ser considerada um processo elaborativo-criativo; por exemplo, um item pode ser usado, em determinado contexto discursivo, como um item gramatical. Isso se dá por meio de um processo mental pelo qual uma relação de similaridade é reconhecida e explorada pelo falante.

Em relação ao recorte temporal, Traugott & Heine (1991) defendem que o termo gramaticalização remete a um processo de mudança lingüística tanto diacrônico quanto sincrônico de organização categorial ou codificação. Na diacronia, os estudos são centrados principalmente na etimologia e na classificação das palavras. Na sincronia, por outro lado, compreende-se a gramaticalização como um fenômeno sintático e discursivo-pragmático a ser estudado do ponto de vista dos padrões fluidos do uso da linguagem, isto é, a partir dos contextos discursivos nos quais a gramaticalização ocorre.

## 2.1. A Abstratização Metafórica

No processo de gramaticalização, atua um princípio cognitivo que diz respeito ao fato de velhas formas serem recrutadas para novas funções. É o que afirma Heine et al (1991, 150)

Por meio deste princípio, conceitos concretos são empregados para entender, explicar ou descrever fenômenos menos concretos. Dessa forma, entidades claramente delineadas e/ou claramente estruturadas são recrutadas para conceitualizar entidades menos claramente delineadas ou estruturadas, experiências não-físicas são entendidas em termos de experiências físicas, tempo em termos de espaço, causa em termos de tempo, ou relação abstrata em termos de processo cinéticos ou relações espaciais etc.

Sendo assim, faz-se extremamente necessário analisar a manipulação cognitiva e pragmática envolvidas, respectivamente, em dois processos: a metáfora e a metonímia. A metáfora diz respeito à transferência conceptual, que aproxima domínios cognitivos distintos. A metonímia, por sua vez, está relacionada à motivação pragmática, que envolve a reinterpretação induzida pelo contexto.

Muitos lingüistas argumentam que a mudança lingüística envolvida na gramaticalização é fortemente motivada por processos metafóricos. A abstratização metafórica diz respeito à maneira como compreendemos e conceituamos o mundo que nos cerca. Apresenta vários níveis, dentro os quais, o mais concernente à gramaticalização seria o *structure-changing abstraction*. É por meio deste que acontecem as transformações lingüísticas nas quais as entidades concretas são recrutadas metaforicamente para expressar funções mais abstratas.

A metáfora envolvida na gramaticalização não deve ser entendida como aquela costumeiramente relacionada às figuras de linguagem, e sim como uma espécie de extensão de significados lexicais para expressar conceitos mais abstratos. Para Lakoff e Johnson (1980), a metáfora, como a maioria das pessoas a percebe, diz respeito apenas às palavras, é um assunto da imaginação poética, da linguagem extraordinária mais do que da linguagem comum. Por outro lado, para esses autores, a metáfora é penetrante no dia-a-dia da vida, não apenas na linguagem, mas no pensamento e na ação dos seres humanos. O sistema conceitual comum, nos termos em que se pensa e age, é fundamentalmente metafórico por natureza. Os conceitos estruturam o que se pensa, como as pessoas se colocam no mundo e como se relacionam com as outras pessoas. O sistema conceitual, assim, desempenha um papel central em definir as realidades diárias.

Os **processos do pensamento** humano são amplamente metafóricos. Metáforas como expressões lingüísticas são possíveis porque existem metáforas no sistema conceitual das pessoas. Conforme Heine et al (1991), a **metáfora criativa** está relacionada a uma motivação de ordem psicológica e envolve a formação de novas expressões. Contém uma falsa predicação e relaciona-se a uma violação proposital de regras semântico-conceituais. A **metáfora emergente** é motivada pragmaticamente, pois a partir dela não se formam novas predicações ou expressões, mas predicações pré-existentes são introduzidas em novos contextos ou aplicadas a novas situações através da extensão de significados.

Quanto à origem da metáfora emergente, esta seria de “natureza categorial” (em oposição à metáfora conceitual). Na **metáfora categorial**, o desenvolvimento das estruturas gramaticais é descrito em termos de alguma categoria básica e parte sempre, unidirecionalmente, do elemento à

esquerda – mais concreto -, numa escala que tem a seguinte configuração: **pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade.**

Heine et al (1991, p. 46), no estudo das transformações ocorridas com o verbo *to go*, mostram algumas propriedades do processo metafórico envolvido na gramaticalização: i) reconhecimento de um significado **literal** e outro **transferido** ou **metafórico**; ii) transferência ou mapeamento reduzido de um domínio conceitual em termos de outro; iii) reconhecimento por parte do falante de que um significado concreto é mais facilmente identificável que um conceito de um domínio mais abstrato; iv) aparentemente violação de regras e anomalias; v) envolve conceitos que se associam ao mundo humano para referir-se a conceitos inanimados; vi) em contextos específicos, a expressão metafórica pode também ser entendida no sentido literal – ambigüidade.

Essas propriedades mostram como conceitos fonte da gramaticalização se referem a objetos mais concretos – um conceito só é fonte em relação a outro conceito abstrato, constituindo um elemento fundamental das interações humanas, o que demonstra que recorremos a nossas experiências mais elementares para explorar o entendimento de conceitos menos concretos.

Segundo Heine et al (1991a; 1991b), a gramaticalização não se restringe apenas à metáfora, acentuando a complementariedade da metáfora e da metonímia. A metonímia é compreendida por Lakoff & Johnson (1980) não apenas como um instrumento retórico, mas como provedor de entendimento cuja função é permitir usar uma entidade em referência à outra. Tais características mostram que os conceitos metonímicos não são arbitrários, são sistemáticos, fazem parte dos pensamentos, ações e falas e podem ser exemplificados, principalmente, através da relação de substituição **da parte pelo todo, do produto pela marca, do objeto pelo usuário.** Consoante Neves (2000), enquanto na metáfora está envolvida a transferência conceptual (que é metafórica e se relaciona com diferentes domínios cognitivos), na metonímia se pode verificar a reinterpretação induzida pelo contexto (que é metonímica e resulta em conceitos interseccionados). Na metonímia, a passagem de conceitos mais **concretos** para mais **abstratos** se dá em uma escala de entidades contíguas que estão metonimicamente relacionadas. Na metáfora, essa mudança ocorre a partir de categorias descontínuas, como **espaço, tempo** ou **qualidade.** Embora esse dois processos se distingam, para Heine et al (1991), a metáfora (do tipo emergente) pressupõe algum tipo de metonímia, e estes mecanismos não são mutuamente exclusivos, e sim complementares. Um no qual a metonímia funciona dentro da metáfora e a expressão é basicamente metafórica, sendo integrada pela metonímia. E outro em que a metáfora e a metonímia coexistem, podendo ser a interpretação derivada tanto metafórica como metonimicamente.

Outra noção que acreditamos ser importante introduzir nessa revisão da literatura é o conceito de protótipo, que se liga à teoria da categorização de Rosch (1973). O protótipo seria o membro mais central de uma categoria, apresentaria o maior número de traços característicos dessa categoria, assim estão mais próximos do protótipo os membros que apresentam o maior número de traços característicos, e mais distantes os membros que apresentam menor número desses traços. Segundo Givón (1984), a mudança metafórica dos protótipos é a essência da gramaticalização, o processo pelo qual a morfologia gramatical se desenvolve a partir de itens lexicais. Nesse sentido, o significado de **perceber/conhecer pela visão** constituiria o protótipo do verbo perceptual **ver**, e os outros usos relacionados a esse verbo (item evidencial inferencial, predicado encaixador de um conteúdo proposicional e marcador discursivo) representariam, nessa ordem hierárquica, um percurso de distanciamento, cada vez mais acentuado, do membro central dessa categoria.

### 3. A Categoria Evidencialidade

Não são consensuais as definições dos estudiosos sobre o conceito e a natureza da evidencialidade. Para Neves (2006), o único ponto pacífico desta discussão diz respeito à indicação da evidencialidade como a origem do conhecimento de um sujeito enunciador. Entretanto, paradoxalmente, como nos mostra a mesma autora, esse aspecto já se apresenta como um “terreno conflituoso”, uma vez que a expressão da fonte do conhecimento implica a modalização do nível de conhecimento, o que pode configurar como uma co-ocorrência das duas categorias. Desse modo, na ausência da marca, entende-se que o próprio falante é a fonte, que se configura como “o filtro natural das proposições por ele expressas” (*ibid.*, p.165). Se a marca estiver presente, esta pode indicar diferentes níveis de comprometimento, pois ele pode se eximir de sua responsabilidade, mostrando uma fonte externa à informação; pode indicar que o conhecimento foi inferido por meio de evidências; ou pode mostrar que o conhecimento foi adquirido pela experiência. Sendo assim, assumimos que a evidencialidade é uma categoria que marca, além da origem, da fonte do conhecimento expresso em uma proposição, o nível de (des)comprometimento do falante com o conteúdo apresentado na proposição. Assumimos, também, juntamente com Casseb-Galvão (2001), que a evidencialidade é uma categoria lingüística do domínio gramatical que pode originar-se nos sistemas lingüísticos, desenvolver-se a partir de itens lexicais ou menos gramaticais pré-existentes. Os estudos dessa autora, bem como os de Dall’ Aglio-Hattner et al (2001), apontam para a possibilidade do surgimento de um subsistema evidencial no português brasileiro, via gramaticalização.

A evidencialidade pode ser classificada segundo o tipo de fonte e a natureza da experiência evidencial. Em outras palavras, o enunciador pode apresentar-se ou não com a fonte da informação e, ao mesmo tempo, de acordo com a natureza lexical do item evidencial, indicar de que modo foi obtida a informação descrita na interação. Lucena (2008), com base nos estudos desenvolvidos por Willet (1988), Casseb-Galvão (2001), Dall’ Aglio-Hattner (2001), Gonçalves (2003), Carioca (2005) e Vendrame (2005), classifica a categoria evidencialidade em “experencial”, “inferencial”, “relatada” e “subjativa”.

Se o enunciador se apresenta como a fonte da informação, ele pode indicar que obteve o conhecimento representado na interação, pelo menos, de dois modos: por meio de uma **experiência** ou de uma **inferência**. Na experencial, o falante é a fonte e obteve a informação por meio de uma experiência relacionada aos sentidos. Na inferencial, o falante é a fonte e derivou a informação por meio de raciocínio lógico ou de uma situação observável. Por outro lado, se o falante não se apresenta como a fonte da informação (**domínio comum** e **fonte externa ao falante**, do tipo **definida** ou **indefinida**), ele pode indicar que a informação foi obtida por meio de um **relato**.

Esses três tipos de evidencialidade indicam que as informações são obtidas a partir da relação que se estabelece entre falante e o mundo extralingüístico. No entanto, optamos também por considerar como um tipo de evidencialidade o que Hengeveld (1988, 1989) denomina de modalidade epistemológica **subjativa**, uma vez que o enunciador descreve um evento que já se encontra em sua informação pragmática, apresentando-se também como a fonte da informação.

## 4. Metodologia

### 4.1. Corpus

Constituindo este trabalho uma reflexão inicial, optamos por uma abordagem sincrônica no estudo dos usos mais abstratos do item evidencial **ver**. Realizamos essa análise em trinta discursos proferidos nas Sessões Ordinárias do Pequeno Expediente da Assembléia Legislativa do Ceará, durante o período de 2005-2006.

## 5. Análise do Item Evidencial VER em Discursos Políticos

Em pesquisas em dois dicionários: Aurélio (2007) e Borba (1990), encontramos várias acepções do predicado ver no Português do Brasil (PB), todas consideradas como itens lexicais.

AURÉLIO (2007)	BORBA (1990)
<p><b>I. V. Transitivo direto:</b>                      i. perceber ou conhecer pela visão;                      ii. avistar (1);                      iii. assistir a;                      iv. presenciar, testemunhar: viu o acidente;                      v. encontrar-se com;                      vi. reconhecer, compreender: via que não tinha saída;                      vii. examinar (um doente);                      viii. observar, notar: viu o que você fez, Rina?                      ix. deduzir, concluir;                      x. reparar em;                      xi. investigar, examinar;                      xii. Visitar (1);                      xiii. Calcular, avaliar.</p>	<p><b>I. V. [Ação] [Compl: nome não-animado]</b>                      i. examinar;                      ii. conferir, certificar-se;                      iii. Buscar, comprar;                      iv. procurar;                      v. acompanhar com os olhos e ouvido, assistir;                      vi. visitar, conhecer.  <i>[Compl: nome animado]</i>                      vii. avaliar, física ou mentalmente;                      viii. visitar, encontrar.  <i>[Compl: nome concreto não-animado]</i>                      ix. consultar;  <i>Pronominal [Compl: de lugar]</i>                      x. mirar-se, Contemplar-se.</p>

### Acepções de VER Encontradas em Dois Dicionários

<p>AURÉLIO (2007)</p> <p><b>II. V. Transobjetivo:</b>                      xiv. perceber, sentir, considerar: não o vejo como inimigo;                      xv. embebergar;</p>	<p>BORBA (1990)</p> <p><b>II. V. [Processo] [±Compl: nome concreto ou oração]</b>                      xi. perceber pela visão;                      xii. alcançar com a vista, avistar, divisar;                      xiii. Reparar, perceber;                      xiv. Encontrar, deparar;  <i>[Compl: nome animado]</i>                      xv. conhecer;  <i>[Compl: nome abstrato ou oração]</i>                      xvi. tomar conhecimento, compreender;                      xvii. Imaginar, fantasiar;                      xviii. calcular, avaliar;                      xix. ponderar, considerar;                      xx. admitir;                      xxi. prever;  <i>[Compl: nome concreto não animado]</i>                      xxii. duver;  <i>[Compl: nome predicativo]</i>                      xxiii. sentir, achar que é;                      xxiv. encontrar;  <i>[Pronominal] [Compl: Predicativo]</i>                      xxv. sentir-se;                      xxvi. Ficar;  <i>[± Compl.1: predicativo. ±Compl.2: de lugar]</i>                      xxvii. Encontrar-se, achar-se.</p>
<p><b>III. V. Intransitivo:</b>                      xvii. perceber as coisas pelo sentido da visão.</p>	<p><b>III. V. [Estado] [Compl: oração]</b>                      xxviii. Estar presente, presenciar.</p>
<p><b>IV. V. Pronominal:</b>                      xvii. unir-se;                      xviii. reconhecer-se;                      xix. achar-se em certo estado, condição ou lugar;                      xx. encontra-se mutuamente,</p>	

### (Cont.) Acepções de VER Encontradas em Dois Dicionários

O verbo **ver** deriva do latim *videre*, cujo significado era **avistar, empregar vista, perceber pela vista**. No português contemporâneo é identificado, em sua acepção mais concreta, como **conhecer ou perceber pela visão**, como podemos verificar nas ocorrências (1) e (2) a seguir:

- (1) Diante de tudo isso, de todos esses sonhos dourados que se realizam, **vejo** essas manchetes aqui nos jornais, onde se classifica o Estado do Ceará como miserável, onde a distribuição de renda é uma das piores do País.
- (2) E **vejo** hoje, por exemplo, no Jornal “O POVO”: “PIB do Ceará crescerá 2,6% em relação a 2004”.

Essas ocorrências revelam que o predicado **ver** se relaciona à **evidencialidade experiencial**, uma vez que assume a acepção de **perceber com a visão**, levando-nos a colocar esse uso como o ponto de partida da trajetória de mudança semântica desse verbo, ou seja, considerá-lo como seu significado fonte.

Embora não tenhamos feito uma pesquisa exaustiva, o quadro anterior nos apresenta novos usos para o verbo **ver**, além de seu uso mais concreto. Em Borba (1990), podemos verificar, nas acepções com [**Compl: nome abstrato ou oração**], evidência de que o predicado **ver** está passando por um processo de mudança semântica através de referência metafórica e metonímica, significando **compreender, tomar conhecimento, admitir, considerar, perceber com a mente**, tal como exemplificam as ocorrências (3), (4) e (5) a seguir:

- (3) E vejo algumas nuances relacionadas a esse projeto, que é um projeto caríssimo, projeto do primeiro mundo, muito embora o resultado não seja compatível com o investimento, se trazer 26m<sup>3</sup> d’água para o Ceará, isso é uma brincadeira, não dá nem para os bodes do Jaguaribe beberem água, matarem a sede.
- (4) E vejo agora, Deputado Chico Lopes, V.Exa. ainda com mais força, com mais energia lutar pela realização do projeto de trazer ao Ceará, água do São Francisco.
- (5) Portanto, eu quero ficar feliz em ver que o Dr. Tasso Jereissati muda de posição e deixa de brigar com o PT, porque a questão da Refinaria não é do PT e nem do PSDB, é o povo brasileiro e o cearense que estão querendo essa Refinaria.

Nessas ocorrências, os itens expandem seu sentido lexical original e, da mesma forma, apresentam estatuto verbal bem definido. Comparando esses usos com a acepção mais concreta do predicado **ver**, relacionado à percepção física (visual), verificamos que, em sua trajetória de expansão, **ver** se desloca do canal da percepção visual para a percepção mental, uma vez que o falante parece relacionar o conteúdo de seu enunciado a uma inferência derivada de raciocínio lógico ou contextual, o que justificaria classificar esses usos como relacionados à evidencialidade inferencial. Apesar de assumirem um significado mais abstrato, esses itens demonstram que o predicado **ver** ainda apresenta propriedades de sua classe de origem, bem como características da classe a que se direciona, o que nos leva a perceber uma ambigüidade envolvida nesses contextos.

Em um estágio mais avançado no processo de mudança do predicado **ver**, percebemos seu uso como um predicado encaixador de um conteúdo proposicional **asseverado**, como demonstram as ocorrências (6), (7) e (8) a seguir:

- (6) **Vejo que** foi uma pena não fazermos um projeto de reflorestamento com a Jurema Preta, que é uma planta invasora e usar como redutor o carvão, que é um ótimo redutor para a conversão do minério de ferro em aço.
- (7) **Vejo que** essa Casa tem uma responsabilidade enorme no trato com essa questão, porque não é uma questão pequena, não é uma questão apenas de tirar do papel e ir para execução um tema e uma discussão que perfazem aí longos anos e séculos nesse País.



- (8) (8) Mas certamente que é no Governo do Presidente Lula que temos acalentado no coração a **possibilidade de ver** essa transposição sendo realizada na perspectiva da inclusão, na perspectiva de mudar o paradigma do comportamento das comunidades e muitas vezes criminalizam as áreas que poderiam das áreas que poderiam está sendo cuidadas, inclusive pelas próprias comunidades, porque não obtêm informação suficiente para isso, porque infelizmente muitas vezes o equipamento mais próximo como o Município e o Estado tem estado ausente durante esses anos todos.

Essas ocorrências demonstram que o predicado **ver** assume, nesses contextos, uma acepção mais abstrata do que nas ocorrências anteriores, uma vez que o falante o utiliza para encaixar não inferência, mas um conteúdo proposicional, ou seja, **um fato possível**, que, segundo Dik (1997), pode ser negado, posto em dúvida, lembrado, avaliado em termos de seu valor de verdade. Nas ocorrências (6) e (7), temos uma oração completiva como argumento do predicado **ver**. Em (8), por outro lado, o substantivo **possibilidade** representa o núcleo predicação.

Em uma atuação ainda mais abstrata do predicado **ver**, encontramos ocorrências em nossa amostra que revelam que esse verbo adquire um **valor pragmático**, derivado da necessidade de o falante marcar a interação face a face. Nesse processo de mudança semântica e categorial, **ver** passa a assumir a função de **marcador discursivo**, que, consoante Dik (1997), tem por função monitorar a interação, comentar o conteúdo da oração propriamente dita e organizar o conteúdo da expressão, como podemos ver nas ocorrências (9), (10), (11) e (12) a seguir:

- (9) Ora, **vejamos** uma coisa: uma Ministra diz que está lá em Pernambuco, o outro Ministro diz que é teatro e o Presidente Lula ontem de novo, outra vez, novamente, vem induzir-nos a acreditar em textos mentirosos que vêm do Palácio, isso é inaceitável.
- (10) **Vejamos**, através de um artigo que foi publicado na Revista CONFEA (Confederação dos Engenheiros e Arquitetos) que é uma revista publicada pela Confederação dos Engenheiros e Arquitetos, o Engenheiro Sanitarista o Senhor Bertoldo Silva Costa coloca algumas coisas que nós entendemos ser de fundamental importância para a nossa reflexão.
- (11) O Ceará vai receber por conta dessa transposição uma média anual de 10 m<sup>3</sup>/s, e **vejam só**, nós que estamos brigando tanto por essa transposição só a Cidade e a Região Metropolitana de Fortaleza tem um consumo de 7 m<sup>3</sup>/s.
- (12) Eu agradeço o aparte de Vossa Excelência e a generosidade das referências, e antes de passar a palavra ao Deputado João Jaime, a quem eu quero muito bem, quero apenas lembrar da luta, **veja bem**, Deputado João Jaime, talvez o Ceará hoje não tenha a Refinaria que está em Pernambuco por conta de alguns segmentos da Política Cearense fossilizados e atrasados, que fizeram grandes obstruções à construção do Castanhão.

As ocorrências demonstram que o predicado **ver** está mudando de categoria gramatical (verbo manipulativo > marcador discursivo). Nas três primeiras ocorrências, os itens ainda preservam o significado origem, uma vez que o caráter manipulativo do verbo continua a atuar no contexto. No entanto, percebemos que o item estende seu significado, aproximando-se de uma atuação como **marcador discursivo**, pois também funciona como um elemento que comenta/organiza o conteúdo do discurso. Em (09) e (10), o falante parece desejar sinalizar que o que vai dizer é importante, devendo ser acrescentado à **informação pragmática** do interlocutor. Na ocorrência (11), percebemos que, além de demonstrar que o falante solicita ao interlocutor que “preste atenção”, compreenda o que está sendo dito, o predicado **ver**, nesse contexto, revela um tipo de comentário por parte do falante. Em (12), por outro lado, o significado de **ver** é ainda mais abstrato, visto que o verbo é **recategorizado** como um marcador discursivo, exercendo principalmente a função de planejar a interação verbal. Podemos observar também que esse item, de certa forma, exerce uma função mais **intersubjetiva**, pois, ao mesmo tempo que introduz uma informação relevante, mostra que o falante voltou-se ao próprio discurso. Sendo assim, o predicado **ver** assume uma **macrofunção interativa**, organizando, sequencializando o fluxo informacional do discurso.

## Considerações Finais

O predicado **ver** é considerado uma marca prototípica da evidencialidade direta ou atestada, pois a informação veiculada pelo enunciador é caracterizada como obtida pela experiência visual. Para a análise das ocorrências, consideramos a abstratização metafórica como um dos mecanismos desencadeadores da gramaticalização desse item, processo de mudança que está relacionado às transformações lingüísticas nas quais os itens concretos são recrutados metaforicamente para expressar funções mais abstratas. Procuramos construir uma **trajetória hipotética** de mudança semântica desse item. Embora reconheçamos os limites de nossa análise e compreendamos a necessidade de referendar essas hipóteses em dados do português histórico, acreditamos que nossa análise consegue demonstrar que o predicado **ver** está expandindo seus usos via abstratização metafórica. Vimos que, além do significado fonte (evidencialidade experiencial), **ver** pode assumir outras novas acepções em virtude das pressões discursivas, passando a exercer, em um trajetória que vai de um significado mais concreto a um mais abstrato, a função de item evidencial inferencial, predicado encaixador de um conteúdo proposicional e marcador discursivo.

## Referências

BORBA, F.S. (org.). **Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil**. São Paulo: Fundação para o desenvolvimento da UNESP, 1990.

CARIOCA, C.R. **A manifestação da evidencialidade nas dissertações acadêmicas do português brasileiro contemporâneo**. Dissertação (Mestrado em Lingüística), Programa de Pós-Graduação em Lingüística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

DALL'AGLIO-HATTNER, M.M. **A manifestação da modalidade epistêmica: um exercício de análise nos discursos de ex-presidente Fernando Collor**. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa), Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1995.

DIK, S. **The theory of functional grammar**. Parte 1: The structure of the clause. Dordrecht: Foris Publication, 1989.

\_\_\_\_\_. **The theory of functional grammar – Part 2: Complex and derived constructions**. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

FERREIRA, A.B.H. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 4 ed., 2001

CASSEB-GALVÃO, V.C.C. **Evidencialidade e gramaticalização do português do Brasil: os usos da expressão *diz que***. Tese (Doutorado em Lingüística) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2001.

GIVÓN, T. From discourse to syntax: grammar as a processing strategy. In GIVÓN, T. **Syntax and semantics: discourse and syntax**, V.12. Nova York: Academic Press, 1979.

\_\_\_\_\_. Serial verbs and the mental reality of “event”: grammatical vs. cognitive packaging. In HEINE, B. et al. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

GONÇALVES, S.C.L., LIMA-HERNANDES, M.C. & CASSEB-GALVÃO, V.C. (Orgs.). **Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação**. São Paulo: Parábola Editora, 2007.

GONÇALVES, S.C.L. **Gramaticalização, modalidade epistêmica e evidencialidade: um estudo de caso no português do Brasil**. Tese (Doutorado em Linguística), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

HEINE, B., CLAUDI, U. & HÜNNEMEYER, F. **Grammaticalization: a conceptual framework**. Chicago: The University of Chicago: The University of Chicago Press, 1991a.

\_\_\_\_\_. From cognitive to grammar: evidences from African Languages. In TRAUGOTT, E.C. & HEINE, B. (orgs.), **Approaches to grammaticalization**, V. 1, Amsterdam: Benjamins, 1991b, pp. 17-37.

HOPPER, P.J.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago. The University of Chicago Press, 1980.

LUCENA, I.L. **A expressão da evidencialidade no discurso político: uma análise da oratória política da Assembléia Legislativa do Ceará**. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

MEILLET, A. **Linguistique historique et linguistique générale**. Paris: Librairie Honore Champion, 1912.

NEVES, M.H.M. **Texto e gramática**. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_. **Gramática de usos do português**. São Paulo: UNESP, 2000.

ROSCH, E. Natural categories. **Cognitive Psychology**. V. 4, 1973.

SWEETSER, E. **From etymology to pragmatics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. & HEINE, B. **Approaches to grammaticalization**, V. 1, Amsterdam: Benjamins, 1991.

VENDRAME, V. **A evidencialidade em construções complexas**. Dissertação (Mestrado em Análise Linguística), Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2005.

WILLET, T.A. Cross-linguistic survey of the grammaticization of evidentiality. **Studies in Language**, V. 12, n. 1, pp. 51-97, 1988.

